

5. DIMENSÃO PSICO-FENOMENOLÓGICA

O lugar social é percebido e compreendido como um todo. Mas, um todo que se põe como multiplicidade analítica de ações e relações de intercâmbio social. Por isso, dependentes das informações de vários domínios do conhecimento e da experiência. É que a Geografia Social não pode constituir-se sem ser desde logo o resultado da interdisciplinaridade, entendida como as relações entre as partes. Então, são importantes as contribuições da ecologia, da antropologia, da sociologia, da psicologia, do marxismo, da filosofia, da economia, da política e da própria geografia : cultural, econômica e política. Mas, não abandona com isso seu objetivo: a compreensão da arquitetura territorial do mundo.

A posição de Paul Claval corresponde a uma psico-fenomenologia do homem, enquanto indivíduo e grupo, que, a partir de um suporte ecológico e de uma estrutura social, desenvolve papéis e toma decisões, que implicam em valores e num suporte territorial. Esses papéis e decisões encontram-se mediados pela distância, que implica em custo, restrição e obstáculo. As técnicas e as inovações contribuem para a construção de uma arquitetura territorial, que é um espaço valorizado. Essa valorização define um limiar (portée-limite) de relação meio-entorno, que se refere à ação e a interação. O homem é, então, um ser social que modela sua existência por meio de esquemas mentais. A própria arquitetura territorial é um esquema mental percebido e compreendido, derivado da observação imediata dos fenômenos. Trata-se, pois, de um comportamento que tem como parâmetros valores e formas, que podem ser compreendidos.

Pesquisa bibliográfica

Piaget, J. (1967) Seis Estudos de Psicologia, Cia. Ed. Forense, Rio de Janeiro.

3. A Linguagem e o Pensamento do Ponto de Vista Genético. III A linguagem e a lógica das proposições.

- pg. 89 "A realidade psicológica fundamental que caracteriza, psicologicamente, tais operações é a estrutura de conjunto, que as reúne em um mesmo sistema, caracterizando sua utilização algébrica (o 'cálculo' das proposições)."
- pg. 90 "O problema, então, é saber se é a linguagem que torna possível tais operações combinatórias ou se estas operações se constituem independentemente da linguagem."
- pg. 92 "A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção das operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca inter-individual e da cooperação. É neste duplo sentido da condensação simbólica e da regularização social que a linguagem é indispensável à elaboração do pensamento. Entre a linguagem e o pensamento existe, assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apoia, necessariamente, sobre o outro, em forma

ção solidária e em perpétua ação recíproca. Mas to-
dos dois dependem, no final das contas, da inteli-
gência, que é anterior à linguagem e independente
dela."

Guillaume, P. (1960) Psicologia da Forma, Cia.Ed.Nacional, São
Paulo.

Cap. IV A Psicologia da Percepção.

1. A percepção do espaço.

pg. 61 "Por percepção do espaço entendemos a de todos os
aspectos geométricos das coisas: localização, dire-
ção, tamanho, distância. (...) Uma forma geométri-
ca não é somente uma qualidade original; é um sis-
tema de relações entre pontos, linhas, superfícies
que a constituem.

pg. 71 "Tôda psicologia do espaço não pode ser senão uma
teoria das relações de um fragmento de experiência
com um todo; mas, em vez de buscar êsse todo nas
experiências anteriores, a teoria da Forma o encon-
tra no conjunto da experiência atual, considerada
não como uma soma de elementos justapostos, mas co-
mo uma forma organizada segundo as leis originais."

2. A percepção do movimento.

pg. 72 "Que haja uma percepção original do movimento, dis-
tinta da de uma série de posições de um corpo, é o
que hoje não se contesta mais."

pg. 78 "O movimento é percebido de golpe, mesmo com dispo-
sitivos complicados, cujos efeitos seriam prática-
mente imprevisíveis."

pg. 79 "Os movimentos, como as posições, não se definem a
não ser por um sistema de referência. Repouso, mo-
vimento, sua forma, sua velocidade e sua direção mu-
dam com o sistema escolhido."

pg. 80 "Em geral, o campo envolvente é sistema de referên-
cia em relação ao campo envolvido, que é objeto re-
ferido, mas tôda uma série de outras condições fi-
gurais pode igualmente intervir."
"Um movimento é, pois, visto como uma forma muito
diferente, segundo o conjunto no qual está integra-
do."

Sommer, R. (1973) Espaço Pessoal, EPU-EDUSP, São Paulo.

4. Em Defesa do Isolamento.

pp.53/4 "A forma da área tem um efeito significativo so-
bre a capacidade para a defesa. De modo geral, uma
área com forma irregular é protegida com dificulda-
de. Além disso, sua irregularidade tende a ser a -
companhada por ambigüidade e, por isso, por dispu-
tas mais freqüentes quanto à propriedade de deter-
minados segmentos. Uma área quadrada ou uma área
circular compacta tornam mais fácil a defesa, en-
quanto fronteiras irregulares entre as áreas ten-
dem a aumentar a tensão. O recente tratado que re-
gulariza a fronteira entre os Estados Unidos e o
México na área Juarez-El Paso exemplifica isso. U-
ma parte de terra, denominada 'Ilha' de Cordova
tornara-se um território mexicano no lado norte-a-
mericano do rio, o que tinha ocorrido por causa do

mudança no canal. A forma irregular da fronteira nessa área, bem como a situação legal incerta das áreas adjacentes, criavam considerável tensão. As rotas de transporte que passavam por El Paso eram deformadas pela presença da zona disputada - estradas de ferro, estradas de rodagem, canais de irrigação, transmissão de força se desviavam da 'ilha'. Esta ficava inteiramente sem uso, embora houvesse grande pressão para locais residenciais nos dois lados da fronteira; a área disputada se transformou numa favela, pois tanto os mexicanos quanto os norte-americanos temiam fazer investimentos em terra com títulos discutíveis. Com a troca de território, feita pelo tratado, e pelo qual o México recebeu 264 acres, enquanto os Estados Unidos receberam 193, a fronteira foi consideravelmente regularizada, o que permitiu o desenvolvimento ordenado de zonas residenciais, cruzamentos de fronteiras, bem como caminhos mais diretos de transporte."

Bocheński, I.M. (1955) La Filosofía Actual, Fondo de Cultura Económica, México.

V. Filosofía de la Essencia.

pg.150 "Podemos destacar en la fenomenología dos rasgos fundamentales. En primer lugar, se trata de un método que consiste en describir el fenómeno, es decir, aquello que se da inmediatamente. Como tal, la fenomenología se desinteresa de las ciencias de la naturaleza y se enfrenta con el empirismo; también renuncia - y con ello se pone en oposición con el idealismo - a tomar como punto de partida una teoría del conocimiento. De este modo vemos que, como método, representa una actitud radicalmente contraria de todos los rasgos que dominan al siglo XIX. Por otra parte, su objeto lo constituye la esencia, es decir, el contenido inteligible ideal de los fenómenos que es captado en visión inmediata: la intuición esencial (Wesensschau)."

pg.154 "Husserl nos muestra que las leyes lógicas no son en sí, en modo alguno, meras reglas, que la lógica tampoco es una ciencia normativa aunque, como ocurre a todas las ciencias teóricas, sirva de base a una disciplina normativa. Y, de hecho, la ley lógica nada dice sobre el "deber ser" sino algo sobre el "ser". El principio de contradicción, por ejemplo, no dice que no sea posible formular dos juicios contradictorios sino, únicamente, que una y la misma cosa no puede poseer predicados que se contradigan. (...) El objeto de la lógica no lo constituye el juicio concreto de un hombre sino el contenido de este juicio, su significación, que pertenece a un orden ideal. (...) [Husserl] Muestra que lo universal nada tiene que ver con una representación generalizada. Lo que nos podemos representar cuando entendemos un enunciado matemático, por ejemplo, no tiene mayor importancia. Locke, Hume y sus seguidores, en su incapacidad de comprender los objetos ideales, han hipostasiado lo universal convirtiéndolo falsamente en una mera imagen. Pero no hay tal cosa. Lo universal es, en realidad, un objeto muy peculiar, un contenido ideal"

universal."

pg.156 "Pretende Husserl llevar a cabo una fundación de todas las ciencias y en especial de la filosofía que se halla en absoluto desprovista de supuestos previos. La última fuente legítima de todas las afirmaciones racionales es para él el ver o, como también se expresa, la conciencia que 'pone' originariamente. Hay que avanzar hacia las cosas mismas. Ésta es la regla. Ésta es la regla primera y fundamental del método fenomenológico. Hay que entender por 'cosas' sencillamente lo dado, aquello que 've mos' estar delante de nuestra conciencia." (...)
"El método fenomenológico no es ni deductivo ni em pírico. Consiste en mostrar aquello que se halla presente y en esclarecer esto que se nos da. No ex plica mediante leyes ni deduce a base de principios, sino que ve, inmediatamente, lo que se halla ante la conciencia, su objeto. Por consiguiente, tiene una tendencia orientada totalmente hacia lo objeti vo."

pg.157 "Husserl se califica a sí mismo de 'positivista' ya que reclama la fundación del saber sobre lo dado. Pero, según él, los positivistas cometen graves er rores que es menester superar si queremos llegar e fectivamente a la realidad verdadera.
"Los positivistas confunden propiamente el ver en general con el ver meramente sensible, empírico. No comprenden que cada objeto sensible e individual posee una esencia."

Claval, P. (1973) Principes de Géographie Sociale, Éd. M.-TH. Gé nin, Libr. Techniques, Paris.

Introduction

pg. 15 "On parle de géographie sociale dès la fin du siè cle passé. L'expression vient sous la plume d'Éli sée Reclus. Elle est reprise en sous-titre par De molins dans son étude sur la route; ele l'est éga lement cinq ans plus tard dans l'ouvrage de Camil le Vallaux sur 'La mer' puis dan celui sur 'l'état et le sol'." (...)
"Le destin dela géographie sociale est curieux: de puis près de trois quarts de siècle, il paraît indis pensable à tous de distinguer ce compartiment dans l'ensemble des recherches géographiques. On ne peut cependant pas dire que les connaissances qui y sont incluses sont parfaitement claires et cohérentes. Bien souvent, on parle de géographie sociale pour faire image beaucoup plus que pour évoquer un ca dre précis et logiquement structuré. A chaque épo que, les connotations que l'on fait surgir en em ployant le terme se modifient."

Première Partie L'Évolution de la Géographie Sociale.
Chap. I L'Apparition des Préoccupations Sociales en Géogra phie.

pg. 21 "Il nous semble naturel de considérer la géographie comme une science humaine."

Chap. II La Géographie Sociale en Quête d'une Théorie.

pp.58/9 "On voit donc tout ce que la géographie sociale en

quête d'une théorie structurante a trouvé dans le champ des interprétations socio-économiques de la société: celle-ci est faite d'individus regroupés en classes par le jeu de facteurs globaux; l'équilibre de l'ensemble est calqué sur celui des groupes. Cette géographie sociale a le mérite de rendre compréhensible les grands courants d'évolution. Elle a le défaut d'oublier l'homme, de tous jours se situer à un niveau tel de généralisation qu'elle est incapable de rendre compte des nuances infinies de la réalité, comme d'intégrer les facteurs subjectifs, dont l'expérience sociale direct indique cependant le poids."

pg. 72 "La géographie sociale a conscience de la mutation qui s'effectue en matière d'anthropologie et de sociologie. Elle cherche à tirer parti des analyses macro-sociales, essaie de les transposer au domaine spatial."

Deuxième Partie Géographie Sociale Théorique
Chap. III Les Articulations d'Ensemble des Sciences Sociales.

pg. 83 "La géographie s'est longtemps refusée à élaborer une théorie d'ensemble des distributions culturelles et sociales qu'elle observait."

pp.100/1 "Il existe un accord plus profond entre les modèles de l'homme déchiré et inquiet des psychologues et les modèles de tension que l'on voit souvent proposés par les théoriciens marxistes et par la plus grande partie de ceux qui s'intéressent au développement et à la croissance. Il n'est pas certain que les schémas d'explication proposés soient toujours construits sur des bases parfaitement scientifiques, mais ils sont plus satisfaisants que la plupart des autres, dans la mesure où ils ne trouquent pas la réalité.

"Comment ces interprétations peuvent-elles servir à éclairer la répartition des hommes, de leurs œuvres, de leur agitation à la surface de la terre? C'est la question qui se pose maintenant. Pour y répondre, il est nécessaire d'insister sur les aspects spatiaux des comportements, de la décision et de la régulation sociale."

Chap. IV Espace et Action Humaine.

pg. 103 "L'habitude s'est prise de distinguer deux types d'activités humaines: l'action vise plutôt à modifier le milieu, à en tirer des produits, à les élaborer; la transaction est liée plus directement à l'environnement social: elle porte sur des biens, sur des signes, mais surtout, sur des nouvelles, des informations, des communications. Jus qu'à ces quinze dernières années, on insistait surtout sur l'action. (...)

"Quelles sont les caractères et les contraintes que l'espace confère à l'action et aux transactions?" (...)

"L'homme est un des agents essentiels de transformation de la surface de la terre. Son action est surtout décisive au niveau de la biosphère, mais elle est sensible dans le domaine des processus physiques ou chimiques. Elle est capable d'a

boutir à la création d'environnements purement artificiels - abris, habitations et au-delà, villages, villes, grands artères de communication: les associations naturelles sont alors totalement détruites ou remplacées par quelques formations plus pauvres, moins équilibrées."

pp.104/5 "Le support écologique nécessaire à l'alimentation d'un individu est toujours assez considérable. Lorsqu'on ne sait pratiquer que la collecte des produits qu'offre la nature, il faut disposer de surfaces de parcours considérables: (...). Au fur et à mesure que l'on introduit et perfectionne les techniques de la culture et de l'élevage, les exigences en matière de surface se font plus faibles - mais parallèlement les modifications subies par le milieu deviennent plus profondes, la spécialisation dans l'utilisation de l'espace s'affirme."

pg. 113 "La création d'un réseau spécialisé de voies qui structurent l'espace demande donc des décisions qui sont d'une autre nature, d'un autre niveau que celles qui se traduisent uniquement par un changement ponctuel d'affectation: certaines activités spatiales demandent de grands espaces, des alignements et imposent de la sorte une coordination entre les décisions individuelles. L'espace, pour être utile au corps social doit présenter certaines particularités structurales remarquables: elles naissent de choix et d'arbitrages globaux."

pp.115/6 "La géographie sociale ne peut cependant se comprendre tout entière à travers le paysage et l'utilisation du sol. La vie du groupe a des manifestations visibles, mais d'autres ne marquent jamais directement le paysage. C'est leur ensemble pourtant qui explique l'ordre spatial et la manière dont la société se projette sur le sol."

Chap. V Les Transactions et l'Espace.

pg. 118 "Les transactions sociales impliquent à la fois des déplacements de personne et des échanges des biens, de nouvelles et de symboles." (...)
"Les transactions s'effectuent entre des partenaires et supposent une mise en relation directe ou indirecte."

pg. 119 "L'espace peut sembler homogène lorsqu'on le regarde de haut. Pour celui qui y vit, il est structuré par l'accessibilité."

pg. 120 "La première sphère est constituée par l'espace étroit de l'existence quotidienne, par la maison, l'appartement, le jardin." (...)
"Dans un rayon un peu plus long, celui de la rue, du quartier ou du village, on connaît encore tout, on peut l'atteindre à pied en quelques minutes." (...)

"Lorsque le temps de trajet excède quelques minutes, le rayon s'allonge et la surface que l'on peut atteindre s'accroît." (...)
"On sort de la zone d'improvisation et de spontanéité." (...)

"On passe ensuite aux sphères qui ne sont fréquentées qu'occasionnellement." (...)

"On voit donc comment la distance se trouve perçue comme un coût, comme une contrainte, comme un obstacle à l'épanouissement du système d'interac-

- tion. En matière de transaction, c'est toujours sous cet aspect que l'espace intervient."
- pg. 133 "L'étude des transactions jette une vive lumière sur beaucoup de problèmes de géographie sociale. Elle montre que sans un minimum d'étalement, de disjonction spatiale, les relations manqueraient de clarté."
"La notion de portée-limite des relations est précieuse: elle permet de comprendre comment les deux forces peuvent se concilier et comment l'ordre spatial traduit leur antagonisme profond."

Chap. VI La Valorisation de l'Espace.

- pg. 136 "Les activités humaines ont un support territorial; la distance freine l'interaction: l'espace a une signification profonde pour les individus et les sociétés." (...)
"Quelles sont les bases de la valorisation de l'espace? Certaines ne peuvent se comprendre que dans une perspective psychologique, dans une perspective phénoménologique même, pour reprendre une expression à la mode chez les géographes et les psychologues de l'espace."
- pg. 139 "Une première manière d'aborder l'analyse psychologique du comportement spatial de l'individu est de partir d'une étude serrée de tout ce qui a trait à ses mouvements. (...).
"Tout se passe comme si l'individu avait besoin d'un certain nombre de coquilles ou de territoires, qui lui sont plus ou moins complètement familiers, et qui se prêtent chacun à certains types d'activités." (...)
"On parle aussi, pour désigner les sphères fréquentées d'espace individuel ou d'horizon spatial de l'individu."
- pg. 141 "L'espace ne compte que comme support d'une expérience qui est avant tout sociale."
- pp.152/3 "La valorisation subjective de l'espace, l'expression souvent objective que la société en donne aboutissent à définir un ensemble qui modèle les décisions individuelles, et à travers elles, l'ordonnance spatiale des groupes humaines."

Chap. VII Décision et Comportement Spatial.

- pg. 156 "La plupart des activités ont besoin d'étendue; les transactions souffrent de l'obstacle de la distance. Les acteurs sociaux sont donc pris entre des exigences contradictoires lorsqu'ils ont à prendre des décisions, à agir, à se déplacer. Ils ont également de rêves, des aspirations, une vision de la société qui peut prendre la forme d'un modèle idéal, d'une utopie." (...)
"Lorsqu'on dit que la géographie sociale est l'étude de la manière dont les groupes projettent leur structure à la surface de la terre, c'est souvent dans cette dernière perspective que l'on se place."
- pg. 167 "L'étude des possibles, celle des schèmes mentaux qui sont communs à une population et se trouvent appliqués ici et là est un des aspects les plus mal développés de l'analyse de la décision géogra

phique."
pg. 173 "L'étude behavioriste peut également éclairer d'autres problèmes, faciliter d'autres décisions. Nous n'avons jusqu'ici parlé que de choix individuels: ils ne sont pas les seuls. Les décisions structurantes, celles qui donnent leur configuration d'ensemble aux réseaux de circulation par exemple, sont des macro-décisions qui impliquent une pluralité d'individus."

Chap. VIII Les Modèles Élémentaires de la Société et leurs Combinaisons.

pg. 184 "L'instrument économique d'analyse permet donc de saisir quelques unes des propriétés spatiales fondamentales du système géographique, de voir comment la disposition des réseaux d'échange provoque mieux-être ou dégradation du revenu, comment cela se traduit en termes de dynamisme et de croissance.

"L'analyse macro-économique ne fait pas intervenir, à ce stade, d'agents macro-économiques, mais elle montre comment naissent ces êtres macro-économiques fondamentaux que sont les ensembles territoriaux structurés par les circuits d'interrelations."

pg. 186 (...) "l'histoire de l'organisation de l'espace peut se résumer en termes très simples: la société cherche à maximiser une fonction complexe d'utilité dans laquelle trois facteurs interviennent - un facteur de satisfaction matérielle (...), un facteur de satisfaction affective (...), un facteur de satisfaction intellectuel et social."

Chap. IX Les Relations Sociétales et l'Architecture Sociale.

pg. 212 "Les relations sociétales font donc comprendre comment une société s'organise dans l'espace, comment se dessine son architecture."

Troisième Partie Tableau de la Géographie Sociale.

pg. 227 "La vie sociale naît de besoins d'ordre affectif, utilitaire ou moral; les hommes sont préparés au commerce de leurs semblables par leur acculturation." (...)

"L'architecture des groupes sociaux constitue une photographie de leur état, mais ne nous renseigne pas sur la manière dont la vie sociale s'organise: c'est ce que l'on essaiera de préciser en montrant comment les activités culturelles, affectives, politiques ou économiques sont conduites à l'intérieur de chaque groupe."

Chap. X La Vie et l'Architecture Sociales.

pg. 229 "Les sociétés humaines ne sont pas faites d'individus juxtaposés de manière uniforme. Elles sont caractérisées par des répartitions très irrégulières, des accumulations ici, des lacunes là. La description de la réalité sociale commence par la définition des formations de densité."

pg. 234 "L'étude des systèmes de rôles se prolonge donc par celle des statuts et des biens symboliques."

- pg. 239 "La géographie de la vie sociale permet de comprendre comment les comportements et les individus se trouvent modelés: elle met en avant l'influence des variables culturelles, souligne le poids des facteurs proprement écologiques, repère les correspondances qui s'établissent entre la répartition des hommes et leur caractère et montre combien la signification des faits de morphologie est relative."
- pg. 241 "La géographie des collectivités culturelles est donc très diverse: elle varie avec la technologie de la communication mais elle est fonction des systèmes de valeurs eux-mêmes; les situations diffèrent avec le niveau de développement, avec le contenu des cultures, avec leur plasticité, avec leur compatibilité."
- pg. 246 "Comment la société est-elle sentie par l'individu? Comment s'y situe-t-il? Comment s'y guide-t-il? Par où passent les frontières entre ce qui le concerne et ce qui lui demeure étranger? Il y a là des dimensions culturelles encore mal explorées."
- pp. 255/6 "La géographie sociale part de l'observation des formations de densité. Elle découvre, en décrivant les rôles et les caractères de ceux qui les habitent, le lieu qui se crée souvent entre la morphologie des groupes et leur manière de vivre, de sentir, de penser. Elle souligne au passage combien l'évolution des techniques de la communication pèse sur ces corrélations.
"La géographie sociale note ensuite la manière dont les hommes se divisent par ensembles objectivement similaires: elle remarque la multiplicité des collectivités, leur dessin variable, ici compact, là au contraire éclaté sur un vaste espace. En essayant de voir comment ces unités potentielles prennent conscience de leur être, de leur force et de leur droit, elle se penche sur le problème de la formation des groupes, de l'identification des individus à des entités supérieures. Elle s'interroge sur le rôle de la territorialité. En dernière analyse, elle insiste sur la diversité qui naît du contenu des cultures, du sens qu'elles donnent à la vie de chacun, de la coloration qu'elles confèrent à l'espace."
- pg. 256 "Tous les aspects de la géographie sociale sont-ils alors précisés? Non, car il manque le mouvement, l'action.
"C'est à travers l'analyse des systèmes des relations sociétales qu'on les saisit en même temps qu'on achève de définir l'architecture des groupes."
- pg. 265 "La structure de la société, son architecture et son ambiance ne se comprennent que si on se penche sur son fonctionnement, sur les activités culturelles, économiques ou politiques à quoi s'emploient ses membres."

Chap. XI Les Aspects Culturels, Économiques et Politiques de la Vie Sociale.

- pg. 268 "La vie sociale constitue un tout. On y distingue, par l'artifice de l'analyse, des aspects plus proprement économiques, culturels ou politiques: les faits qui s'y rapportent ne revêtent toute leur signification que lorsqu'on les replaces dans le

cadre général des activités, des rêves et des aspirations des groupes. A l'inverse, les traits les plus spécifiquement sociaux, ceux de stratification et de statut par exemple, ne font que traduire le jeu de forces économiques et politiques; le poids qui leur est conféré est fonction de la culture.

- "La géographie sociale doit donc expliciter les rapports qui s'établissent entre la réalité globale et les différents domaines que l'on y distingue."
- pg. 270 "La géographie sociale est donc modelée par les propriétés spatiales de la diffusion plus que par aucun autre facteur."
- pg. 273 "La géographie culturelle explique la configuration des aires où les comportements sont semblables; elle fait comprendre le contenu des cultures, la manière dont elles évoluent et entraînent dans leur mouvement les institutions sociales."
- pg. 275 "La géographie économique est le secteur de la géographie humaine dont l'histoire est la plus longue et l'autonomie la plus évidente pour l'observateur superficiel."
- pg. 282 "L'histoire de la géographie politique est en partie symétrique de celle de la géographie économique. Il s'agit dans un cas comme dans l'autre de rameaux anciens de la discipline."
- pg. 285 "La géographie politique étudie, au sein des configurations sociales, ce qui a trait à l'exercice du pouvoir et à l'acceptation de l'autorité."
- pg. 287 "La géographie politique est ainsi, tout d'abord, la géographie de certaines composantes fondamentales du climat social - de certains comportements et de la manière de les percevoir."

Chap. XII Les Organisations Territoriales.

- pg. 296 "La différenciation spatiale de la terre est dans une large mesure le reflet de la multiplicité des architectures sociales, de la variété des styles de vie et de modes de penser." (...)
"Pour arriver à comprendre vraiment l'architecture territoriale du monde, il faut élargir le champ de l'enquête, prendre en considération l'ensemble des forces qui modelent la société, et voir aussi comment l'environnement influe sur l'équilibre à travers les techniques qui permettent de le maîtriser, de l'exploiter, de le conserver, à travers les représentations qui le valorisent."
- pg. 333 "Les constructions territoriales apparaissent de la sorte comme d'essence sociale: elles ne sont pas seulement fonction de la technologie et la maîtrise du milieu écologique. Elle traduisent, dans leur géométrie et dans leur dynamisme, les propriétés du système de relations sociétales et des échelles de valeur qui le fondent. En ce sens, la géographie sociale n'est pas seulement un aspect de la géographie régionale: elle en est le principe."

Conclusion.

- pg. 342 "Dans sa forme actuelle, la géographie sociale suppose donc une dualité de méthodes, une dualité

d'approches. Es-ce à dire que tout l'effort de rationalisation et de systématisation des dernières années ait été inutile? Nullement: les limites des secteurs et des démarches ne sont pas des données immuables, et l'approche théorique menée par les behavioristes et les spécialistes des relations sociales fait découvrir un ordre là où on ne voyait qu'exceptions. Jusqu'où ira ce mouvement, cet élargissement des frontières du prévisible? La réponse est davantage de l'ordre des convictions intimes, de la foi, que de l'analyse objective."

SP 07/10/79